

PARA OS “INDICIOS DE OIRO”

POEMAS DE

MARIO DE SÁ-CARNEIRO

TACITURNO

Ha Ouro marchetado em mim, a pedras raras,
Ouro sinistro em sons de bronzes medievais —
Joia profunda a minha Alma a luzes caras,
Cibório triangular de ritos infernais.

No meu mundo interior cerraram-se armaduras,
Capacetes de ferro esmagaram Princesas.
Toda uma estirpe rial de herois d'Outras bravuras
Em mim se despojou dos seus braços e presas.

Heraldicas-luar sobre ímpetos de rubro,
Humilhações a liz, desforços de brocado;
Basilicas de tédio, arnezes de crispado,
Insignias de Ilusão, troféus de jaspe e Outubro...



A ponte levadiça e baça de Eu-ter-sido
Enferrujou — embalde a tentarão descer...
Sobre fossos de Vago, ameias de inda-querer —
Manhãs de armas ainda em arraiais de olvido...

Percorro-me em salões sem janelas nem portas,
Longas salas de trôno a espessas densidades,
Onde os pânos de Arrás são esgarçadas saudades,
E os divans, em redór, ansias lassas, absortas...

Ha rôxos fins de Imperio em meu renunciar —
Caprichos de setim do meu desdem Astral...
Ha exéquias de herois na minha dôr feudal —
E os meus remorsos são terraços sobre o Mar...

Paris — Agosto de 1914

SALOMÉ

Insónia rôxa. A luz a virgular-se em mêdo,
Luz morta de luar, mais Alma do que a lua...
Ela dança, ela range. A carne, alcool de nua,
Alastra-se pra mim num espasmo de segrêdo...

Tudo é capricho ao seu redór, em sombras fátuas...
O arôma endoideceu, upou-se em côr, quebrou...
Tenho frio... Alabastro!... A minh'Alma parou...
E o seu corpo resvala a projectar estátuas...

Ela chama-me em Iris. Nimba-se a perder-me,
Golfa-me os seios nus, ecôa-me em quebranto...
Timbres, elmos, punhais... A doida quer morrer-me:

Mordoura-se a chorar — ha sexos no seu pranto...
Ergo-me em som, oscilo, e parto, e vou arder-me
Na bôca imperial que humanizou um Santo...

Lisboa 1913 — Novembro 3

CERTA VOZ NA NOITE, RUIVAMENTE...

Esquivo sortilégio o dessa voz, opiada
Em sons côr de amaranto, ás noites de incerteza,
Que eu lembro não sei d'Onde — a voz duma Princesa
Bailando meia nua entre clarões de espada.

Leonina, ela arremessa a carne arroxeadá;
E bêbada de Si, arfante de Beleza,
Acera os seios nus, descobre o sexo... Reza
O espasmo que a estrebucha em Alma copulada...

Entanto nunca a vi, mesmo em visão. Sómente
A sua voz a fulcra ao meu lembrar-me. Assim
Não lhe desejo a carne — a carne inexistente...

E' só de voz-em-cio a bailadeira astral —
E nessa voz-Estátua, ah! nessa voz-total,
E' que eu sonho esvaír-me em vícios de marfim...

Lisboa 1914 — Janeiro 31

NOSSA SENHORA DE PARIS

Listas de som avançam para mim a fustigar-me
Em luz.
Todo a vibrar, quero fugir.. Onde acoitar-me?...
Os braços duma cruz
Anseiam-se-me, e eu fujo também ao luar...

Um cheiro a maresia
Vem-me refrescar,
Longinqua melodia
Toda saudosa a Mar...
Mirtos e tamarindos
Odoram a lonjura;
Resvalam sonhos lindos...
Mas o Ouro não perdura,
E a noite cresce agora a desabar catedrais...
Fico sepulto sob círios —
Escureço-me em delírios,
Mas ressurjo de Ideais...

— Os meus sentidos a escoarem-se...
Altars e velas...
Orgulho... Estrelas...
Vitrais! Vitrais!

Flores de luz...

Manchas de cor a ogivarem-se...
As grandes naves a sagrarem-se...
— Nossa Senhora de Paris!...

Paris 1913 — Junho 15

Esta inconstancia de mim próprio em vibração
 E' que me ha de transpôr ás zonas intermédias,
 E seguirei entre cristais de inquietação,
 A retinir, a ondular... Soltas as rédeas,
 Meus sonhos, leões de fôgo e pasmo domados a tirar
 A torre d'ouro que era o carro da minh'Alma,
 Transviarão pelo deserto, muribundos de Luar —
 E eu só me lembrarei num baloiçar de palma...
 Nos oásis, depois, hão de se abismar gumes,
 A atmosfera ha de ser outra, noutros planos:
 As rãs hão de coáxar-me em roucos tons humanos
 Vomitando a minha carne que comeram entre estrumes...

*

Ha sempre um grande Arco ao fundo dos meus olhos...
 A cada passo a minha alma é outra cruz,
 E o meu coração gira: é uma roda de côres...
 Não sei aonde vou, nem vejo o que persigo...
 Já não é o meu rastro o rastro d'ouro que ainda sigo...
 Resvalo em pontes de gelatina e de bolôres...
 Hoje, a luz para mim é sempre meia-luz...

.....

As mesas do Café endoideceram feitas ar...
 Caiu-me agora um braço... Olha, lá vai êle a valsar
 Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei...

(Subo por mim acima como por uma escada de corda,
 E a minha Ansia é um trapézio escangalhado...).

Lisboa — Maio de 1914

DISTANTE MELODIA...

Num sonho d'Iris, morto a ouro e brasa,
Vem-me lembranças doutro Tempo azul
Que me oscilava entre véus de tule —
Um tempo esguio e leve, um tempo-Asa.

Então os meus sentidos eram côres,
Nasciam num jardim as minhas ansias,
Havia na minh'alma Outras distancias —
Distancias que o segui-las era flôres...

Caía Ouro se pensava Estrelas,
O luar batia sobre o meu alhear-me...
Noites-lagôas, como éreis belas
Sob terraços-liz de recordar-me!...

Idade acorde d'Inter sonho e Lua,
Onde as horas corriam sempre jade,
Onde a neblina era uma saudade,
E a luz — anseios de Princesa nua...

Balaústres de som, arcos de Amar,
Pontes de brilho, ogivas de perfume...
Dominio inexprimível d'Ópio e lume
Que nunca mais, em côr, hei de habitar...

Tapêtes doutras Persias mais Oriente...
Cortinados de Chinas mais marfim...
Aureos Templos de ritos de setim...
Fontes correndo sombra, mansamente...

Zimbórios-panthéons de nostalgias...
Catedrais de ser-Eu por sobre o mar...
Escadas de honra, escadas só, ao ar...
Novas Byzancios-alma, outras Turquias...

Lembranças fluidas... cinza de brocado...
Irrealidade anil que em mim ondeia...
— Ao meu redór eu sou Rei exilado,
Vagabundo dum sonho de sereia...

Paris 1914 — Junho 30

VISLUMBRE

A horas flébeis, outonais —
Por magoados fins de dia —
A minha Alma é água fria
Em ânforas d'Ouro... entre cristais...

*Camarate — Quinta da Vitória.
Outubro de 1914.*

SUGESTÃO

As companheiras que não tive,
Sinto-as chorar por mim, veladas,
Ao pôr do sol, pelos jardins...
Na sua mágoa azul revive
A minha dôr de mãos finadas
Sobre setins...

Paris — Agosto de 1914

7

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.

Lisboa — Fevereiro de 1914

ANGULO

Aonde irei neste sem-fim perdido,
Neste mar ôco de certezas mortas? —
Fingidas, afinal, todas as portas
Que no dique julguei ter construído...

— Barcaças dos meus impetos tigrados,
Que oceano vos dormiram de Segrêdo?
Partiste-vos, transportes encantados,
De embate, em alma ao rôxo, a que rochêdo?...

— O nau de festa, ó ruiva de aventura
Onde, em Champanhe, a minha ansia ia,
Quebraste-vos também ou, por ventura,
Fundeaste a Ouro em portos d'alquímia?...

.....
.....

Chegaram á baía os galeões
Com as sete Princesas que morreram.
Regatas de luar não se correram...
As bandeiras velaram-se, orações...

Detive-me na ponte, debruçado,
Mas a ponte era falsa — e derradeira.
Segui no cais. O cais era abaulado,
Cais fingido sem mar á sua beira...

— Por sôbre o que Eu não sou ha grandes pontes
Que um outro, só metade, quer passar
Em miragens de falsos horizontes —
Um outro que eu não posso acorrentar...

A INEGUALAVEL

Ai, como eu te queria toda de violetas
E flébil de setim...
Teus dedos longos, de marfim,
Que os sombreassem joias pretas...

E tão febril e delicada
Que não podesses dar um passo —
Sonhando estrelas, transtornada,
Com estampas de côr no regaço...

Queria-te nua e friorenta,
Aconchegando-te em zibelinas —
Sonolenta,
Ruiva de éteres e morfina...

Ah! que as tuas nostalgias fôsem guisos de prata —
Teus frenesis, lantejoulas;
E os ócios em que estiolas,
Luar que se desbarata...

.....
.....

Teus beijos, queria-os de tule,
Transparecendo carmim —
Os teus espasmos, de sêda...

— Água fria e clara numa noite azul,
Água, devia ser o teu amor por mim...

APOTEOSE

Mastros quebrados, singro num mar d'Ouro
Dormindo fôgo, incerto, longemente...
Tudo se me igualou num sonho rente,
E em metade de mim hoje só móro...

São tristezas de bronze as que inda choro —
Pilastras mortas, marmores ao Poente...
Lagearam-se-me as ansias brancamente
Por claustros falsos onde nunca óro...

Desci de mim. Dobrei o manto d'Astro,
Quebrei a taça de cristal e espanto,
Talhei em sombra o Ouro do meu rastro...

Findei... Horas-platina... Olor-brocado...
Luar-ansia... Luz-perdão... Orquideas pranto...

.....

— Ó pantanos de Mim — jardim estagnado...

Paris 1914 — Junho 28

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

